

OPERAÇÃO CHACINA: ROTULAÇÕES DA CHACINA DE JACAREZINHO EM SITES DE NOTÍCIAS SELECIONADOS¹

BEATRIZ ARAÚJO DA SILVA², MARCOS GARCIA FRACARO³

Resumo: Este trabalho resulta da coleta de materiais jornalísticos acerca da chacina policial ocorrida na favela do Jacarezinho em 6 de maio de 2021, buscando analisá-los qualitativamente à luz do interacionismo simbólico e do *labelling approach*. Sendo este um dos casos mais violentos da história do Rio de Janeiro e que tomou as manchetes em todo país nos principais jornais e demais meios de comunicação, buscamos desnudar os discursos e categorizações que se deram no entorno do fato ocorrido e dos agentes sociais. A partir deste estudo, revelam-se as disputas de narrativas e rotulações em torno da qualificação dos envolvidos e das definições da situação, o que permite então esmiuçar as construções simbólicas em torno de atores e grupos sociais tidos como desviantes por diferentes mídias informativas, bem como sua comparação.

Palavras-chave: Interacionismo simbólico; Teoria da rotulação; Sociologia do desvio; Mídia; Chacina do Jacarezinho.

1. INTRODUÇÃO

A chacina/“operação” da Polícia Civil na favela do Jacarezinho, no município do Rio de Janeiro (RJ), ocorrida no dia 6 de maio de 2021, acarretou na morte de 28 pessoas, movimentando as mídias informativas e redes sociais. Na comunicação midiática de fatos como esse, são comuns as disputas de narrativas de categorização do ocorrido e dos sujeitos ali envolvidos em torno de possíveis classificações. É possível antecipar, por exemplo, prováveis definições da ocorrência como “chacina” e como “operação policial”; definições dos mortos como “criminosos” e como “vítimas”; e definição dos agentes policiais como “heróis” e como “assassinos”. Tudo isso reflete as diferentes opiniões rotuladoras por parte dos meios de comunicação, bem como as desigualdades de tratamento que cercam e atravessam as vidas e corpos em questão.

Neste breve artigo reunimos material jornalístico representativo dessa disputa de narrativas e o analisamos teoricamente enquanto um conflito entre os diferentes discursos de qualificação dos envolvidos e formas de definição da situação. A partir da veiculação de um mesmo fato ocorrido no

1 Gostaríamos de agradecer nosso amigo e camarada Romulo Cassi pela leitura e contribuições. Muito obrigada por nos unir neste trio, estar sempre disponível e disposto ao fazer crítico científico.

2 Graduanda em Ciências Sociais pela USP. Contato: bea3araujo@usp.br.

3 Graduando em Ciências Sociais pela USP. Contato: univ_garcia@usp.br.

Jacarezinho, observamos diferentes interações sociais que concorrem para a construção coletiva de determinados significados quanto aos diversos atores envolvidos. Mais especificamente, nos valem da teoria do interacionismo simbólico para enquadrar notícias de jornais acerca daquela situação conflitiva do Jacarezinho como integrantes de um processo de construção simbólica de rótulos do fato e dos diferentes sujeitos nele envolvidos – tanto os “agentes policiais” como as “vítimas da ação policial”.

Tal objeto de análise se faz pertinente para a Sociologia em um primeiro momento sob um aspecto mais geral, e, em seguida, no que tange à abordagem desse tema de forma específica. Sob o aspecto geral, partimos da premissa de que qualquer contribuição para a compreensão dos flagelos sociais da violência urbana é de fundamental importância no que concerne à implementação de políticas públicas no interesse da coletividade. A partir disso, é possível que a sociologia contribua cientificamente para esse interesse, realizando pesquisas e ultrapassando estigmas que moldam a compreensão geral da sociedade e seus imaginários. Agora, perante o aspecto específico do tema anunciado acima, compreendemos que a construção simbólica a partir do embate de narrativas, cujo palco é a sociedade civil, pode ser relevante para o interesse sociológico na compreensão dos fenômenos sociais. Além disso, os discursos explícitos são materiais férteis para se compreender as organizações lógicas de grupos sociais em questão.

Em termos mais amplos de método, nos serviremos do interacionismo simbólico, mais especificamente, da sua aplicação à criminologia na forma do enfoque no etiquetamento. Em termos mais estritos de metodologia de pesquisa, nos valem da seleção de notícias, pinçadas dentre sites de mídias informativas de circulação nacional e de diferentes abordagens discursivas, que tratam especificamente da chacina do Jacarezinho. De posse desse material e fazendo uso do método anunciado, será possível ter uma dimensão das construções simbólicas operadas pelos jornais de grande repercussão no país. Ainda, por fim, será possível comparar as rotulações vindas de cada uma das fontes jornalísticas, ideologicamente mais alinhadas com uma abordagem discursiva mais progressista e outra mais conservadora, sendo a primeira alinhada com movimentos sociais de direitos humanos e voltadas para os setores da sociedade civil impactados pelas ações e a segunda, aquelas que adotam o discurso das instituições de Estado como a polícia civil e da classe dominante.

2. DESENVOLVIMENTO

A história da sociologia contemporânea é composta por diversas correntes de pensamento (LALLEMENT, 2008). Com maior enfoque no sistema, emergem teorias da ordem social – como o culturalismo; o funcionalismo; e o estruturalismo – e do conflito – como as (neo)marxistas; e do conflito e historicidade. Sendo assim, direcionando para os atores sociais, originam-se teorias, como, as do intercâmbio social; da etnometodologia; e, especialmente importante para os fins deste trabalho, do interacionismo simbólico.

I.

Tendo o interacionismo simbólico como nosso norteador, algumas conceituações preliminares serão necessárias, entre elas: (1) das premissas da teoria mobilizada; (2) dos conceitos de interação social simbólica; (3) da estrutura social. Para tanto, nos valem das palavras de Herbert Blumer. Quanto às premissas do interacionismo simbólico, diz o autor:

A primeira estabelece que os seres humanos agem em relação ao mundo fundamentando-se nos significados que este lhes oferece [...] A segunda premissa consiste no fato de que os significados de tais elementos serem provenientes da ou provocados pela interação social que se mantém com as demais pessoas. A terceira premissa reza que tais significados são manipulados por um processo interpretativo utilizado pela pessoa ao se relacionar com os elementos com que entra em contato (BLUMER, 1980, p. 119)

Quanto à construção de significado e interação social, diz que se trata de:

[...] um processo que forma o comportamento, ao invés de equivaler simplesmente a um meio ou contexto para a expressão ou liberação da conduta humana. Em outras palavras, os homens, ao interagirem uns com os outros, devem considerar o que cada um faz ou está para fazer; são obrigados a dirigir seu próprio comportamento ou manipular as situações em função de tais observações [...]. De uma forma ou de outra, deve-se adaptar a própria linha de atividade aos atos do outro. Estes não devem ser esquecidos e considerados como mera arena para a expressão do que se está disposto ou propenso a realizar. (BLUMER, 1980, p. 125)

Isso é o mesmo que dizer que os humanos tomam uns aos outros como objetos e os indicam a si mesmos, atribuindo-lhes significado e formando sua ação e comportamento baseados na interação social significativa, ou seja, a construção de significados é compartilhada e se dá na ação social, seguindo as premissas postas acima.

Quanto à estrutura social, Blumer sugere que: “Primeiro, do ponto de vista da interação simbólica, a organização de uma sociedade humana é a moldura dentro da qual a ação social ocorre, e não o determinante dessa ação.” (2018, p. 291). Assim, as unidades atuantes são consideradas em primeiro plano, e é por meio de seus processos de interpretação e manifestação que se dá a sorte das instituições (BLUMER, 1980, p. 136).

II.

Dessa forma, para o interacionismo simbólico, os significados não podem ser localizados intrinsecamente nem nos objetos empíricos, tampouco nos sujeitos isolados. Pelo contrário, eles se originam dos processos de interação social entre sujeitos dentro de molduras estruturais, em que se atribuem sentidos compartilhados que orientam as ações em conformidade à interpretação desses mesmos sentidos.

Logo, é possível aplicar esse mesmo método para o estudo do desvio (em sentido mais amplo) e do crime (em sentido mais estrito). Pois, se os objetos não possuem significado intrínseco, então

também não é possível classificar um comportamento como desviante ou criminoso por si só. Somente a partir da consideração das ações uns dos outros é que os atores atribuem significado aos comportamentos e podem rotulá-lo como desviante ou criminoso.

Assim, o interacionismo simbólico é uma das três direções da sociologia contemporânea – junto das direções da fenomenologia e etnometodologia; e da sociologia do conflito – que contribuíram para a fundação do chamado *labeling approach* (BARATTA, 2013, p. 92), isto é, para a teoria da “reação social” ou “do controle social”, também denominada como “enfoque do etiquetamento”. A partir dessa mudança de paradigma, a sociologia já não precisa se limitar ao estudo do comportamento desviante como se ele existisse antes mesmo da reação social. Pelo contrário, o estudo pode focar na compreensão dos processos, por parte das agências de controle social, de etiquetar determinadas ações como “ações criminosas” e determinadas pessoas como “pessoas criminosas” (BECKER, 2008, p. 15-30). Howard Becker, um dos expoentes deste novo enfoque, explica sua diferença em relação a outras concepções sociológicas de desvio:

Grupos sociais criam desvio ao fazer as regras cuja infração constitui desvio, e ao aplicar essas regras a pessoas particulares e rotulá-las como outsiders. Desse ponto de vista, o desvio não é uma qualidade do ato que a pessoa comete, mas uma consequência da aplicação por outros de regras e sanções a um ‘infrator’. O desviante é alguém a quem esse rótulo foi aplicado com sucesso; o comportamento desviante é aquele que as pessoas rotulam como tal. (BECKER, 2008, p. 21-22)

Em sentido análogo, Juarez Cirino dos Santos resume as características gerais da abordagem da rotulação:

*Em síntese, o *labeling approach* mostra que a criminalidade não é um dado ontológico preconstituído, mas realidade social construída pelo sistema de justiça criminal através de definições legais e da reação social: o rótulo de criminoso é um status social atribuído a pessoas selecionadas pelo sistema penal. Os conceitos desse paradigma marcam a linguagem da criminologia contemporânea: a) comportamento criminoso é comportamento rotulado como criminoso; b) o papel da estigmatização penal aparece na produção do status social de criminoso: a relação do desvio primário, que produz mudanças na identidade social do sujeito, com o desvio secundário, definido como efeito do desvio primário; c) a rejeição da função corretiva da pena criminal, que consolida a identidade criminosa e introduz o condenado em carreira desviante etc. Assim, a teoria do *labeling approach* é a primeira ruptura radical com a criminologia positivista, destacando os processos de etiquetamento (Becker), de estigmatização (Goffman) e de estereótipo (Chapman). (CIRINO DOS SANTOS, 2021, p. 180-181).*

Neste nosso estudo, porém, não examinamos as rotulações oficiais das agências de controle (polícias, sistema de justiça criminal etc.), mas, como os diversos embates narrativos de rotulação por parte das mídias informativas são qualificantes da categoria “desviante” por meio do etiquetamento, sendo tais mídias representadas neste trabalho por quatro sites de notícias de circulação nacional. Essa peculiaridade, no entanto, não deve prejudicar a aplicação do método à pesquisa. Embora não

integrem formalmente o sistema de justiça criminal, as mídias informativas também constituem um tipo de reação social ao desvio e, em razão disso, corroboram para sua construção, inclusive sob influência das rotulações feitas pelas agências de controle oficiais.

III.

Como material de pesquisa foram selecionadas e analisadas todas as notícias publicadas no período de uma semana, partindo do dia da ocorrência do fato, referentes à operação que resultou na chacina do Jacarezinho, em 06 de maio de 2021 em quatro mídias on-line de circulação nacional que assumem aspecto de portais de notícias: *Brasil de Fato*, *CartaCapital*, *Jovem Pan* e *R7*. Buscamos condicionar a seleção dessas mídias informativas a dois aspectos: abrangência e caráter ideológico da abordagem discursiva. Vale ressaltar que a categoria de análise “abrangência” se baseia primordialmente na circulação nacional dessas mídias informativas e na disponibilização gratuita de todas as suas matérias na plataforma digital, sendo, portanto, um marco importante para uma análise de mídias de impacto na construção simbólica perante a sociedade. Já o segundo, se deu pela hipótese levantada pelos próprios pesquisadores de que, com diferentes linhas ideológicas as rotulações seriam tipificadas por uma abordagem discursiva que chamamos de *conservadora*, no sentido que adota o tom institucional das agências de controle, e outra chamada *progressista*, com seu discurso baseado nas organizações da sociedade civil e de direitos humanos, dando maior visibilidade aos impactos das ações decorrentes do fato. Cada notícia foi referenciada com base nas iniciais de cada portal seguido de um número, sendo que as referências completas podem ser conferidas em uma tabela disponível ao final deste artigo. Para facilitar a compreensão durante a leitura e, conforme mencionado anteriormente, usaremos siglas com as iniciais dos jornais junto do número das notícias analisadas.

Em relação ao site de notícias da rádio *Jovem Pan*, foram encontradas 14 notícias. Vale destacar que todas elas se referiam à situação conflitiva como “operação” ou “ação” (JP: 1 a 14) da polícia civil. Em alguns casos, especialmente nas primeiras notícias, também se referiam à mesma situação como “confronto com traficantes” (JP: 3) ou “entre polícia e traficantes” (JP: 2, 3 e 7). Em raras ocasiões, com uso de citação, referiram-se à situação como “chacina” (JP: 2 e 13). Por vezes, a situação foi adjetivada como “a mais letal” (JP: 11, 13 e 14) de toda a história das forças de segurança do estado. Quanto às pessoas mortas, frequentemente foram referidas simplesmente como “mortos” e “pessoas” que morreram (JP: 2 a 14). Também em grande parte das notícias foram referidas como “suspeitos” e “suspeitos atingidos” (JP: 2, 3, 7, 8, 9, 13 e 14). Em menos ocasiões, foram referidas como “supostos bandidos” (JP: 11), mas também como simplesmente “atingidos” (JP: 2) e “vítimas” (JP: 6, 11, 13 e 14). Em algumas poucas ocasiões, com uso de citação indireta, referiram-se aos mortos como “suspeitos [que alegadamente] foram executados” (JP: 7, 8 e 9). Notável, ainda, a distinção reiterada dos mortos entre “um policial civil e 24 suspeitos” (JP: 3) ou, após a retificação do número de mortos, “27 suspeitos e um policial civil” (JP: 9, 13 e 14). Em uma ocasião, a distinção foi referida como sendo a morte de “27 civis e de um policial” (JP: 10). Por fim, quanto aos agentes da polícia, encontram-se algumas poucas referências, como “200 agentes que participaram da operação” (JP:

14). De modo mais frequente, a alusão aos agentes policiais é feita de modo mais despersonalizado e institucional, seja por referência à “Polícia” ou à própria “operação/ação” (JP: 1 a 14) policial.

Em relação ao site da revista *CartaCapital*, foram encontradas cinco notícias, sendo duas entrevistas, das quais nos debruçamos especialmente na introdução editorial. Em todas as notícias, a situação conflitiva foi referida negativamente, seja como “massacre” (CC: 1 e 3), seja como “chacina” (CC: 2 a 6), ou ainda “operação mortífera” (CC: 6), embora também como “operação” (CC: 1 a 6) e “ação” (CC: 1 a 6) da polícia civil. Frequentemente, a situação foi qualificada como “sangrenta” (CC: 1), ou a “mais sangrenta da história do Rio de Janeiro” (CC: 1), ou a “mais letal” (CC: 2, 4 e 5), ou ainda “uma das mais aterrorizantes” (CC: 3). Notável, que uma das notícias traga o próprio conceito de chacina, conforme utilizado pela plataforma Fogo Cruzado⁴: “considera-se como chacina a ação que provoca a morte de pelo menos três civis” (CC: 5), por outro lado, ainda relata a denúncia da plataforma de que o Instituto de Segurança Pública não define tal termo: “o Instituto de Segurança Pública, entidade que produz dados sobre ocorrências criminais no Rio de Janeiro, não define o conceito da palavra chacina, tampouco indicadores sobre o tema”.

Quanto às pessoas mortas, frequentemente, foram referidas apenas como “mortos” e “pessoas” que perderam a vida (CC: 1 a 6). Mas também referidas como “vítimas da chacina” (CC: 2). Quando houve distinção era entre: “25 pessoas, entre elas um policial” (CC: 1 e 2). Em citação indireta de representantes da polícia, registraram que: “só ocorreu a execução do policial [...] os outros 24 mortos eram criminosos” (CC: 6). Por fim, além da alusão à “polícia” (CC: 1; 3 a 5), os agentes policiais também foram referidos como “200 homens” (CC: 5) que foram empregados na ocasião. Notável, por fim, a referência a “mortes cometidas por policiais” em citação indireta de um entrevistado (CC: 4) e “prática de execução sumária em grande escala” em sua citação direta (CC: 4).

No portal de notícias R7, foram encontradas 12 reportagens sobre o fato. Dentre elas, duas são em vídeo (R7: 11 e 12) e as outras em texto (R7: 1 a 10). O conflito foi descrito como “operação” em praticamente todas (R7: 1 a 3 e 5 a 12), somente em uma delas, a qual retratou o protesto dos moradores contra a violência policial, o fato ganhou o nome de “massacre” (R7: 4) por uma das pessoas entrevistadas no ato. Os sujeitos que morreram ganharam a qualidade de “criminosos” e “suspeitos”, com a única exceção dada ao policial morto, no qual foi utilizada a palavra “vítima” e seu nome para se referir a ele (R7: 1 a 3 e 5 a 12). Na justificativa da ação da polícia contra aquelas pessoas, foi dito que seriam “suspeitas” de atuarem no “tráfico” (R7: 1 a 3 e 5 a 12) e de participarem de “quadrilha” e “roubos” (R7: 1 a 3). Já o “trabalho [da polícia] não pode parar”, deve “proteger a sociedade” como “autoridade de segurança” (R7: 1 a 3). Em uma das reportagens feitas em vídeo (R7: 11), o apresentador do Jornal Balanço Geral RJ, ao mostrar imagens exclusivas gravadas por um drone no acontecimento, chama de “meninos” os homens moradores da favela que estavam no

4 Plataforma digital colaborativa que registra dados de violência armada nas regiões das cidades do Rio de Janeiro e Recife.

confronto e dispara “o policial vai esperar o bandido atirar primeiro? Ah, gente! Pelo amor de Deus, né?! O policial atirou primeiro? Graças a Deus! O policial é treinado pra isso” (1 ‘35’’).

No portal de notícias do jornal *Brasil de Fato*, foram analisadas 14 notícias. No que tange ao conflito, há a rotulação de onze casos como “operação” ou “ação” (BF: 1 a 3, 5 a 9, 11,12 e 14). Outras dez vezes a tipificação é “chacina” (BF: 1 a 5, 7 a 8, 10, 13 e 14). Chamamos atenção para esta palavra, pois ela coordena a linha principal de interpretação do editorial sobre os fatos: desde a primeira até a última notícia, a narrativa explicita o conflito “operação” x “chacina” nas fotografias das manifestações do dia 08 de maio de 2021.

Figura 1



Fonte: Parizotti, Roberto. Fotos Públicas

Os falecidos no confronto são frequentemente citados simplesmente como “mortos” (BF: 1, 3, 6, 9, 11, 12 e 14); de modo recorrente, por sete vezes, como “vítimas” (BF: 1, 4, 6, 7, 8, 11, 14); quatro vezes como “pessoas” (BF: 2, 5, 7, 8); duas vezes como “bandidos” (BF: 10 e 12) ao citar as falas de Hamilton Mourão. Destacamos ainda que, citando o vice-presidente, foram referidos como “traficantes” uma única vez (BF: 11); citando a fala do presidente Jair Bolsonaro, como “supostos criminosos” uma única vez (BF: 4), em um contexto de crítica negativa à ação policial. E, por fim, quanto aos agentes policiais, eles são identificados como “polícia” ou “polícia civil” em dez vezes (BF: 1 a 5, 7, 8, 9 e 11 a 14). Em tom menos institucional e mais personalizado, são referidos como “agentes” ou “policiais” (BF: 1,8). Ainda, citando as falas da ex presidenta Dilma Rousseff os agentes são postos uma vez como “responsáveis pelo crime” (BF: 10) ou mesmo uma polícia agindo como “grupo de extermínio” (BF: 12) segundo o Geni (Grupo de Estudos dos Novos Ilegalismos da UFF).

3. CONCLUSÃO

Baseados em nossa análise, observamos, em primeiro lugar, o uso de uma maioria de palavras-chave para mencionar a situação como “operação” e “ação”, “massacre” e “chacina”; e aos diversos atores como “mortos”, “vítimas”, “traficantes”, “supostos bandidos”, “suspeitos”, “pessoas”, “policiais” e “agentes”. Ao analisar o uso dessas palavras no conjunto de cada um dos meios de

comunicação, observa-se que não há uma simples descrição objetiva de fatos com significados intrínsecos, assim como o senso comum está acostumado a enxergar discursos jornalísticos midiáticos como neutros tendo objetivo de expor acontecimentos, mas há uma verdadeira construção simbólica acerca dos fatos a partir das construções dos discursos presentes, que fortificam interações sociais.

Ainda, a despeito de uma suposta imparcialidade da imprensa, a construção de narrativas em torno dos mesmos fatos revelou-se conflitiva. Nos extremos, enquanto o *Brasil de Fato* partiu para uma construção em torno da palavra “chacina”, interpretando a realidade a partir da ótica das “vítimas”, o portal *R7* partiu para uma construção da “operação” e “suspeitos”/“bandidos” adotando a ótica das instituições oficiais de polícia. É fato notável que “chacina” tenha aparecido uma única vez no portal *R7* citando um manifestante, enquanto o *Brasil de Fato* tenha utilizado largamente essa mesma palavra. Ao mesmo tempo, o *Brasil de Fato* confrontou diretamente as falas de Dilma Rousseff e Hamilton Mourão, invertendo nesse contexto os criminosos da ação, pois a primeira diz que os “responsáveis pelo crime” (policiais) devem ser punidos, enquanto o segundo coloca os mortos como “bandidos”.

É a partir desse embate claro e direto e dessa inversão de quem seria o *outsider*, conforme cada narrativa, que concluímos que os jornais não apenas rotulam, como determinam isso consoante grupos da sociedade civil ou instituições oficiais que estão ligadas a visões políticas mais progressistas ou conservadoras e segundo as quais é possível traçar uma linha distintiva. Isso pode ser explicado a partir do interacionismo simbólico segundo a existência de diversos universos de interpretação e de sentido atribuídos por indivíduos e grupos humanos, configurando, na prática, a segunda e a terceira premissas postas por Blumer (1980) e seu reflexo na orientação jornalística ao construir significados diferentes sobre um mesmo fato.

Com base no levantamento de dados, fazendo uso do método do interacionismo simbólico e de sua aplicação à criminologia na forma do *labeling approach*, concluímos que as diferentes mídias informativas incorrem em diferentes tentativas de rotulação e construção de significado acerca da situação e dos sujeitos envolvidos. Confirmando nossas hipóteses iniciais, encontramos diferentes sentidos de rotulações conforme as diferentes linhas ideológicas editoriais, bem como os diferentes grupos sociais representados, isto é, por um lado as instituições de Estado e por outro a população impactada na sociedade civil. Assim, de um lado, os portais da rádio *Jovem Pan* e *R7* seguem, majoritariamente, uma linha que retrata as pessoas que morreram como *desviantes* e, no mesmo sentido, constroem a situação da chacina, como prática oficial regular feita por agentes policiais normais. Por outro lado, os sites do jornal *Brasil de Fato* e da revista *CartaCapital* seguem, majoritariamente, uma linha que retrata como *desviantes*, não aqueles que foram assassinados, mas sim os agentes do Estado, os policiais e as políticas públicas orientadas pelo Governo Federal.

TABELA COM AS NOTÍCIAS

Mídia informativa	Manchete	Data de publicação	URL reduzida
-------------------	----------	--------------------	--------------

Brasil de Fato (BF)	OPERAÇÃO no Jacarezinho foi a segunda maior chacina da história do RJ diz ong fogo cruzado	São Paulo 06/05/2021	https://bit.ly/3jOQpf2
	JANDIRA Feghali cobra governador do RJ por execuções sumárias no Jacarezinho	São Paulo 06/05/2021	https://bit.ly/3BwoRRE
	FREIXO classifica como insanidade operação no Jacarezinho e aciona procuradoria	São Paulo 06/05/2021	https://bit.ly/3bpPihh
	PARA especialistas número de vítimas policiais e civis prova que houve chacina no RJ	São Paulo 07/05/2021	https://bit.ly/3pSKXMk
	MINISTRO Fachin do STF vê indícios de execução arbitrária no Jacarezinho no RJ	São Paulo 07/05/2021	https://bit.ly/31gh7Hg
	MINISTÉRIO Público tem as mãos sujas de sangue do jacarezinho afirma criminalista	São Paulo 07/05/2021	https://bit.ly/3GzeTTn
	MORADORES do Jacarezinho realizam protesto após massacre na favela carioca	São Paulo 07/05/2021	https://bit.ly/3pRW6gf
	MANIFESTANTES protestam contra operação no jacarezinho no Masp em São Paulo	São Paulo 08/05/2021	https://bit.ly/3msNkmM
	ONU cobra respostas quanto a operação que matou 29 no jacarezinho no Rio de Janeiro	São Paulo 08/05/2021	https://bit.ly/3GC4MNF
	MOURÃO revela sua verdadeira índole ao cancelar extermínio da população diz Dilma	São Paulo 08/05/2021	https://bit.ly/3BomLn2
	BOLSONARO parabeniza ação policial que terminou com 28 mortos no jacarezinho	São Paulo 10/05/2021	https://bit.ly/3mvyAUo
	O QUE se sabe sobre a operação no Jacarezinho que matou 28 pessoas	São Paulo 10/05/2021	https://bit.ly/3Cx4Z27
	COALIZÃO negra por direitos exige justiça para vítimas do Jacarezinho em mobilização	São Paulo 12/05/2021	https://bit.ly/3w0UQZb
	CHACINA no Jacarezinho: “Impacto na comunidade é incalculável” avalia liderança	São Paulo 13/05/2021	https://bit.ly/3w12eUg
	ONU pede investigação independente após sangrenta operação policial no RJ	São Paulo 07/05/2021	https://bit.ly/3vYZRS0
	‘TUDO bandido’, diz Mourão sobre vítimas da chacina no Rio	São Paulo 07/05/2021	https://bit.ly/3EwiiRi

Carta Capital (CC)	‘RIO não tem política de segurança, mas duas polícias que fazem o que bem entendem’	São Paulo 07/05/2021	https://bit.ly/3BvFBj1
	ARQUIVAMENTO é padrão nas investigações de mortes por policiais, alerta especialista	São Paulo 07/05/2021	https://bit.ly/2XZQsgB
	RIO de Janeiro registra uma chacina por semana, diz Fogo Cruzado	São Paulo 07/05/2021	https://bit.ly/316mSXM
	POLÍCIA Civil defende operação que deixou 25 mortos no Jacarezinho	São Paulo 06/05/2021	https://bit.ly/3moRzzH
Jovem Pan (JP)	OPERAÇÃO no Jacarezinho tem tiroteio e passageiros são baleados em metrô do Rio	São Paulo 06/05/2021	https://bit.ly/2ZE3VLY
	CONFRONTO entre polícia e traficantes deixa ao menos 25 mortos no Rio de Janeiro	São Paulo 06/05/2021	https://bit.ly/3jQDkIG
	POLÍCIA Civil critica ‘ativismo judicial’ e diz que operação no Rio foi ‘legítima do início ao fim’	São Paulo 07/05/2021	https://bit.ly/3Bu2QD6
	ONU pede investigação independente sobre operação policial que deixou 25 mortos no Jacarezinho	São Paulo 07/05/2021	https://bit.ly/31idG2L
	PGR pede esclarecimentos ao governo do Rio de Janeiro após operação no Jacarezinho	São Paulo 07/05/2021	https://bit.ly/2Y513qE
	SOBE para 28 o número de mortos durante operação da polícia no Jacarezinho	São Paulo 07/05/2021	https://bit.ly/3Evn9ID
	POLÍCIA volta atrás e diz que 28 pessoas morreram em operação no Jacarezinho	São Paulo 07/05/2021	https://bit.ly/3pOhkvu
	POLÍCIA Civil divulga nomes dos 28 mortos na operação em Jacarezinho	São Paulo 08/05/2021	https://bit.ly/3mtNYAA
	PSB pede que Fachin intime governador do Rio por operação no Jacarezinho	São Paulo 08/05/2021	https://bit.ly/3CwK53c
	BOLSONARO parabeniza polícia após operação com 28 mortos no Jacarezinho	São Paulo 09/05/2021	https://bit.ly/2ZGLwhi
	LISTA detalhada de mortos no Jacarezinho deve sair nesta segunda-feira	São Paulo 10/05/2021	https://bit.ly/3ByuX46
	MINISTÉRIO de Damares apaga nota em que lamentava as mortes no Jacarezinho	São Paulo 10/05/2021	https://bit.ly/31aVKa9
	PARENTES de mortos na favela do Jacarezinho temem retaliação	São Paulo 11/05/2021	https://bit.ly/3bFLKId

	MINISTÉRIO Público cria força-tarefa para investigar mortes em operação no Jacarezinho	São Paulo 12/05/2021	https://bit.ly/3w0aFPJ
R7 (R7)	OPERAÇÃO no Jacarezinho tem ao menos 22 mortos, diz Polícia do Rio	Rio de Janeiro 06/05/2021	https://bit.ly/3vZHPyW
	SOBE para 25 o número de mortos durante operação no Jacarezinho	Rio de Janeiro 06/05/2021	https://bit.ly/3EskKbi
	FACHIN analisará petição no Jacarezinho (RJ)	Rio de Janeiro 07/05/2021	https://bit.ly/3CunVPd
	MORADORES do Jacarezinho protestam contra violência policial	Rio de Janeiro 07/05/2021	https://bit.ly/3GEDo1t
	UM dia após a ação, sobe para 28 o número de mortos no Jacarezinho	Rio de Janeiro 07/05/2021	https://bit.ly/3nIGWXV
	POLÍCIA diz ter identificado 18 de 24 mortos em operação no Jacarezinho	Rio de Janeiro 07/05/2021	https://bit.ly/3pPbKsP
	POLICIAL morto no Jacarezinho é enterrado nesta sexta	Rio de Janeiro 07/05/2021	https://bit.ly/2Zvfch3
	FACHIN pede a Aras apuração de 'execução arbitrária' no Jacarezinho	Rio de Janeiro 07/05/2021	https://bit.ly/3CwKYZA
	POLÍCIA diz ter identificado os 28 mortos em Jacarezinho, no Rio de Janeiro	Rio de Janeiro 07/05/2021	https://bit.ly/3BsbaDh
	RIO: Sobe para 29 o número de mortos em operação no Jacarezinho	Rio de Janeiro 08/05/2021	https://bit.ly/3Gvox9L
	IMAGENS exclusivas mostram fuga de criminosos durante ação no Jacarezinho	Rio de Janeiro 10/05/2021	https://bit.ly/3nLXf6g
	ROBERTO Cabrino mostra os dois lados da operação do Jacarezinho	Rio de Janeiro 11/05/2021	https://bit.ly/3CyGDp0

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARATTA, Alessandro. *Criminologia Crítica e Crítica do Direito Penal: Introdução à sociologia do Direito Penal*. Rio de Janeiro: Revan, 2013.

BECKER, Howard Saul. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BLUMER, Herbert. Sociedade como interação simbólica. *Plural*, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 282-293, 2018.

BLUMER, Herbert. A natureza do interacionismo simbólico. In: MORTENSEN, David. *Teoria da comunicação: textos básicos*. São Paulo: Mosaico, 1980.

CIRINO DOS SANTOS, Juarez. *Criminologia: contribuição para crítica da economia da punição*. São Paulo: Tirant lo Blanch, 2021.

LALLEMENT, Michel. *História das Ideias Sociológicas: De Parsons aos contemporâneos*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2008. v.2.